

Ronca de Elvas

Síntese dos dados de inventário e fotografias

MEMORIA IMATERIAL/IELT
www.memoriamedia.net
2014



Cidade-Quartel Fronteira de Elvas e suas Fortificações inscrita na Lista do Património Mundial em 2012

Ronca de Elvas

Resumo

A Ronca é o instrumento musical que acompanha os cantos de Natal em Elvas. Membranofone de percussão constituído por uma estrutura cilíndrica com uma pele esticada numa das aberturas. É percutido por uma cana fixada no centro da membrana. O executante, com a mão molhada, fricciona a cana fazendo vibrar a pele e produzir um ronco. Existe, com muitas designações (Ronca, Zamburra, Zambomba...), na Europa, África e América do Sul. Origem não identificada.

Caracterização

Luís Pedras é, atualmente, o único artesão em Elvas a manter o fabrico de Roncas, numa cidade que já teve uma comunidade de oleiros e ceramistas (ainda existe a rua dos Oleiros). Foi introduzido na profissão de oleiro através de formações em cerâmica.

A Ronca é o instrumento musical que acompanha os cantos de Natal em Elvas. Os homens juntam-se nos espaços públicos em grupos informais. Cada um traz a sua Ronca. Tocam em conjunto e cantam à vez, improvisando sobre uma base poética tradicional.

Em Elvas, as Roncas guardam-se em casa e só são usadas perto do natal. “As Roncas não se emprestam” é um provérbio de Elvas que avisa quem empresta a sua ronca de que corre o risco que a devolvam danificada e imprópria para os cantes de natal.

O Fabrico

Cerâmica

Prepara-se a “Péla”, pedaço de barro limpo, bem decantado, selecionado pela sua elasticidade, amassando até estar pronto para ser trabalhado. O barro era tradicionalmente extraído do Barreiro do Monte de Alcobaça, perto de Elvas. Hoje é adquirido comercialmente.

Leva-se a Péla para a roda de oleiro, onde, com as mãos e a ajuda da cana d’oleiro, se molda o recipiente de barro que serve de caixa-de-ressonância ao instrumento. Este recipiente tem uma forma de base cilíndrica com as duas extremidades abertas. Numa das extremidades molda-se um rebordo, que ajudará a manter a membrana fixa. Este recipiente tem uma forma mais abaulada (feminina) ou mais direita (masculina) por escolha do artesão. O interior do recipiente é estriado para melhorar a qualidade sonora. A parede exterior é marcada por uma sequência de desenhos feitos com a ponta da cana de oleiro no barro fresco, enquanto o objeto gira na roda. Os desenhos imprimem a marca decorativa distintiva do artesão.

Uma vez moldado, o recipiente é deixado a secar até estar pronto para a cozedura em forno.

No forno, o barro é cozido numa lenta sequência ascendente de temperaturas. “O forno é o juiz”, diz Luís, realçando que a presença de pequenos defeitos no barro (como bolhas de água)

marcarão as peças. Aos 300°C a água começa a libertar-se do barro. Aos 600°C o barro seca. A partir dos 900°C termina a primeira cozedura do barro (Chacota) e inicia-se a segunda cozedura (Vidragem) que torna a peça impermeável e lhe dá a sonoridade. Este artesão fixa a temperatura final do forno (elétrico) em 1009°C e aconselha que a sequência descendente da temperatura deve ser feita também lentamente para evitar problemas nas cozeduras das peças.

Cana

A apanha dos rebentos de canas silvestres é feita no princípio de Novembro, deixa-se a secar um pouco (encascar), e em Dezembro é preparada para ser incorporada no instrumento. Na preparação seleciona-se uma secção da cana com o bolbo da raiz (cabeça da cana), que é essencial na fixação desta à pele. Com uma navalha afiada, descasca-se a cana para que a mão do tocador deslize com facilidade pela superfície e trabalha-se o rebordo da raiz de modo a ser mais fácil amarrar a pele à cana com um fio de norte. Em seguida deixa-se a cana a apanhar um pouco de calor que a amolece o suficiente para ser endireitada com movimentos de mão. A preparação da cana, neste caso, está entregue a um carpinteiro, Domingos Arraia, que trabalha em colaboração com Luís. A cana preparada é selecionada pelo artesão proporcionalmente ao tamanho das roncas.

Pele

Embora se usem muitos tipos de pele no fabrico da membrana da Ronca, Luís Pedras prefere a pele de cabrito.

Montagem

Uma vez selecionadas a pele e a cana que vão servir para uma ronca, ata-se a cabeça da cana ao centro da pele (ver vídeo) com o cordel. Em seguida, com o conjunto, tapa-se o gargalo (com bordo) do recipiente, tendo o cuidado de colocar a cana no centro da abertura. Fixa-se o conjunto ao barro amarrando vigorosamente com o fio de norte. A pele tem que ficar bem esticada para funcionar como membrana musical. Apara-se a pele nos bordos. Deixa-se algum tempo em repouso até a pele clarear. A ronca está pronta.

Instrumentos

Roda de Oleiro

Cana de Oleiro

Bitola

Garrote

Canivete

Forno de Cerâmica

Matérias

Barro

Rebento de cana Silvestre

Pele de Cabrito

Fio de Norte

Origem/Historial

"Das nove horas até à meia-noite de Natal percorrem as ruas da cidade diferentes grupos de homens do povo, cantando em altas vozes, em coro, e num rhytmo e entoação especial, trovas ao Menino Jesus, acompanhadas pelo som àspero da ronca: alcatruz de nora, ou panella de barro, a cujo bocal se adapta uma membrana, ou pelle de bexiga, atravessada por um pau encerado, pelo qual se corre a mão com força para produzir um som rouco. Somente pelo Natal é este instrumento ouvido."

PIRES, António Thomaz . "A noite de Natal, o Ano Bom e os Santos Reis" in Estudos e notas elvenses. António Torres de Carvalho. Elvas, 1923 (2ª ed.).

Este instrumento encontra-se em diversas comunidades, na Europa, Africa e América do Sul. Origem não identificada.



Roncas de Elvas



Luís Pedras – ceramista



Ateliê de Luís Pedras – Torre do Castelo – Elvas



Cana utilizada no fabrico das roncás



Preparação das canas – Domingos Arraia



Roncas de Luís Pedras